



RELATÓRIO DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

OUTUBRO DE 2022



**Direção Regional de
Agricultura e Pescas
do Norte**
Uma Agricultura com Norte!



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Divisão de Planeamento, Ajudas
e Estatística

Delegações da DRAP Norte

Projeto realizado em parceria
com o Instituto Nacional de
Estatística

NOTA METODOLÓGICA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Atualmente, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da DRAP Norte distribuídos pelo território, sobretudo das delegações, sob coordenação da Divisão de Planeamento, Ajudas e Estatística. Atendendo à natureza da recolha de dados, o sentido de oportunidade é um fator crítico de sucesso no que diz respeito à divulgação da informação. Efetivamente, a necessidade de serem tomadas decisões de cariz político e económico de curto prazo, sobretudo pelas especificidades do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por inquérito ou de dados administrativos obtidos em organismos de intervenção e coordenação económica em áreas definidas. Esta necessidade tem sido particularmente sentida nos últimos anos e com tendência a intensificar-se, em resultado dos efeitos resultantes das alterações climáticas. Os períodos de seca prolongada e de acontecimentos meteorológicos extremos, cada vez mais frequentes, exigem uma constante monitorização do Estado de Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC). Mensalmente, a DRAP Norte produz este relatório que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação de todas as DRAP's, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas ([INE](#)), cujo âmbito geográfico é o Continente.



AGRICULTURA
E ALIMENTAÇÃO



Direção Regional de
Agricultura e Pescas
do Norte

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Planeamento, Ajudas e Estatística

Rua da República, 133

5370 – 347 Mirandela

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

<https://drapnsiapd.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Animais a pastar num baldio, na zona de observação do Lima.

Foto por Sandra Coelho

Resumo

O mês de outubro foi marcado por uma intensa precipitação, subsistindo, contudo, zonas da Região Agrária de Trás-os-Montes com solos em situação de Ponto de Emurchecimento Permanente. Verifica-se que a pluviosidade acumulada no ano agrícola de 2021/2022 foi inferior em 33% e 43%, face a um ano normal, respetivamente, na Região Agrária do Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes, com a particularidade de em algumas zonas terem ocorrido períodos longos sem precipitação.

Assim, em jeito de balanço do ano agrícola, não é de estranhar a previsão de uma quebra na produção da generalidade dos produtos agrícolas, mais ou menos acentuada conforme a zona homogénea, a cultura e a sua condição de sequeiro ou regadio. Exceção para a uva para vinho, na sub-região de Entre Douro e Minho que terá beneficiado das primeiras chuvas de setembro e da quase ausência de problemas fitossanitários, o que será também fator positivo para a qualidade do vinho.

Não obstante a precipitação em muito superior ao normal para o mês de outubro, foi possível realizar os trabalhos agrícolas desta época, nomeadamente a colheita dos milhos, frutos secos e uvas para vinho, assim como a preparação do novo ano agrícola.



Índice

1	Estado do tempo e sua influência na agricultura	5
1.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	5
1.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	7
2	Milho	9
2.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	9
2.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	10
3	Leguminosas secas	11
3.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	11
3.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	11
4	Frutos Frescos	11
4.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	11
4.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	13
5	Frutos Secos	14
5.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	14
5.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	15
6	Vinha	18
6.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	18
6.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	18
7	Olival	19
7.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	19
7.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	20
8	Prados, pastagens e culturas forrageiras	21
8.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	21
8.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	23
9	Fitossanidade	23
9.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	23
9.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	24
10	Preparativos para o novo ano agrícola	25
10.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	25
10.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	26
	Anexo - Valores das estimativas das áreas semeadas, produtividades e produções	27

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

Durante o mês de outubro as condições climatéricas vigentes foram propícias à agricultura em geral, principalmente pelo contributo da precipitação no desagramento da situação de seca. Durante a primeira quinzena, os trabalhos agrícolas desenrolaram-se normalmente: concluíram-se as vindimas; colheram-se os milhos - para silagem e grão - e semearam-se as forragens e cereais de inverno.

As colheitas de milho não foram ainda concluídas, porque tiveram de ser interrompidas, devido à ocorrência de longos períodos de precipitação. As sementeiras de ferrãs (azevém e aveia) estão em curso. Também a colheita da noz e da castanha foi afetada pelo estado do tempo: a que a casca verde da noz fica agarrada ao fruto e os ouriços não abrem. A chuva e vento forte nas terras altas provocou queda acentuada da azeitona (que ainda persiste). Já a laboração nos lagares de vinho decorreu sem problemas, encontrando-se os vinhos já a estagiar.



Rio Vez revelando o caudal reposto.
Foto por Sandra Coelho

A precipitação total em outubro (gráfico 1) foi marcante (314 mm), traduzindo um acréscimo de 130% face ao valor da normal climatológica. O valor registado em outubro representa mais de 30% da precipitação total ocorrida ao longo de um ciclo anual, superando amplamente o valor da normal referente a dezembro (mês mais chuvoso). Porém, ao analisar-se a pluviosidade total ao longo do agrícola de 2021/2022 concluiu-se que foi inferior a um ano normal em cerca de 33%.

Relativamente ao índice de água no solo (AS) e capacidade de campo (CC), disponibilizados pelo [IPMA](#), verifica-se que na maioria dos concelhos da sub-região de EDM a AS é superior à CC.

Durante o mês de outubro a temperatura média foi superior (cerca de 2°C) à da normal climatológica. As médias das temperaturas máximas e mínimas foram também superiores aos das normais climatológicas para o mesmo período (gráfico 2).

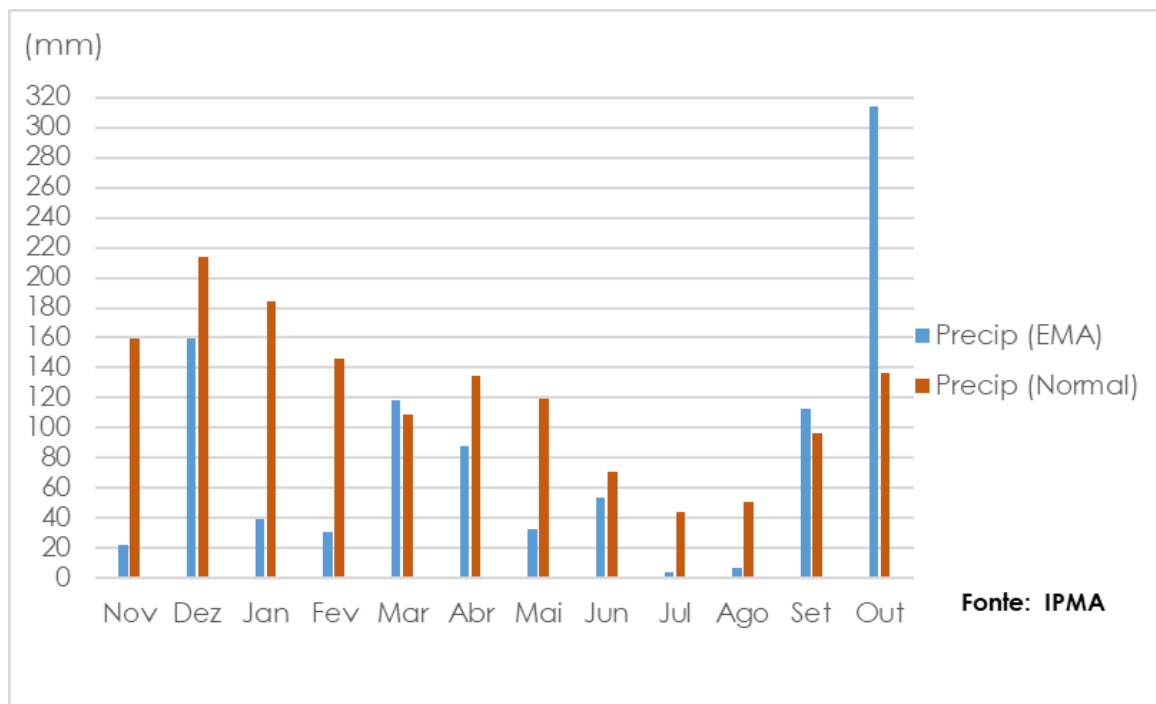


Gráfico 1. Precipitação ocorrida nas Estações Meteorológicas Automáticas (EMA) do IPMA, em 2021/2022, na sub-região do EDM por comparação com as Normais climatológicas (1971-2000).

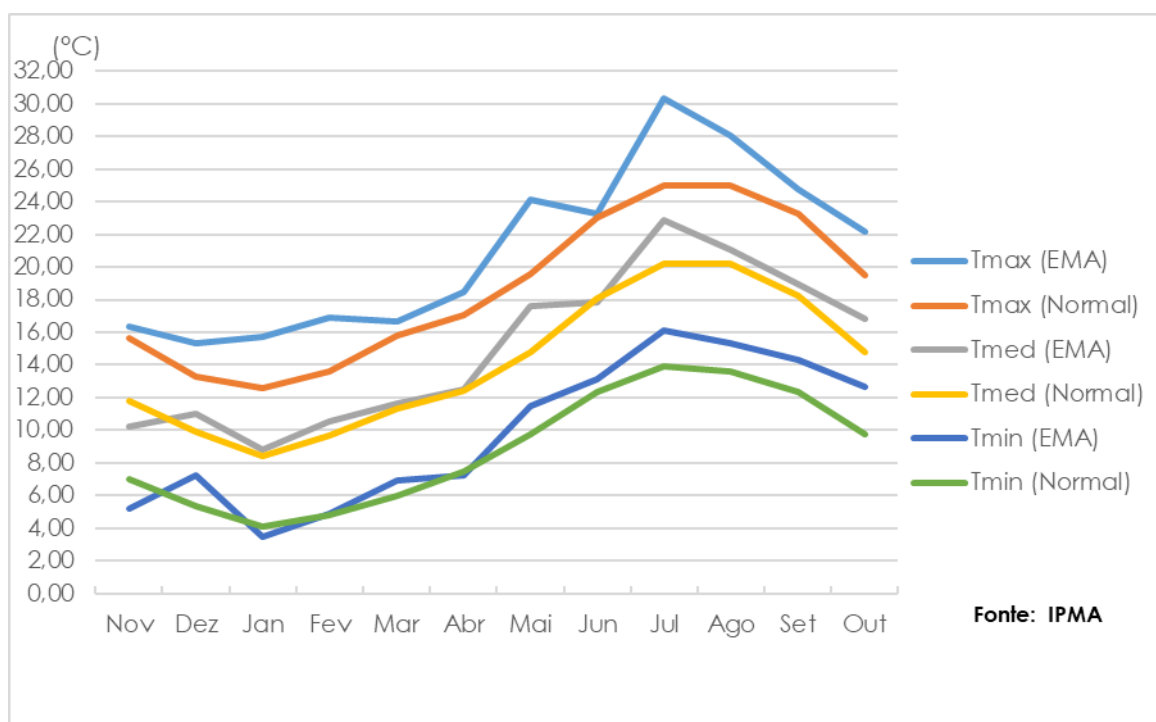


Gráfico 2. Temperaturas ocorridas nas EMA do IPMA, em 2021/2022, na sub-região do EDM por comparação com as Normais climatológicas (1971-2000).

O sistema nacional de informação sobre os recursos hídricos (SNIRH) atualizou o volume armazenado das albufeiras no último dia de setembro de 2022. As bacias hidrográficas da sub-região de EDM apresentam, relativamente à sua capacidade total de armazenamento, os seguintes valores: 22,3% na bacia do Lima; 35,3% na bacia do Cávado e 49,3% na bacia do Ave.

1.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

O mês de outubro caracterizou-se por temperaturas com valores médios bastante superiores (cerca de 3°C) aos normais para o período, sendo que no caso da precipitação acumulada ocorrida também esta foi superior em cerca de 73% ao valor normal.

Em termos de balanço hidrológico, terminado o ano agrícola de 2021/2022, verifica-se que a pluviosidade ocorrida neste período foi inferior a um ano normal em cerca de 43%, depreendendo-se desde já uma deficiente acumulação de reservas de energia por parte das plantas para utilização no ciclo cultural do próximo ano agrícola e em situações pontuais de determinadas culturas permanentes repercutir-se nos anos agrícolas seguintes. Segundo dados do IPMA, é de referir que os níveis de [evapotranspiração potencial](#) na região e neste mês variaram entre 0,5 e 2 mm/dia. Quanto ao Índice de Água no Solo (IAS) no [mapa da região](#) continua ainda a ser perceptível existência de manchas onde persiste a situação de Ponto de Emurchecimento Permanente (PEP).

No gráfico 3 pode-se constatar que a precipitação total foi superior aos valores da normal climatológica, num mês em que, por norma, os valores da pluviometria já são bastante significativos.

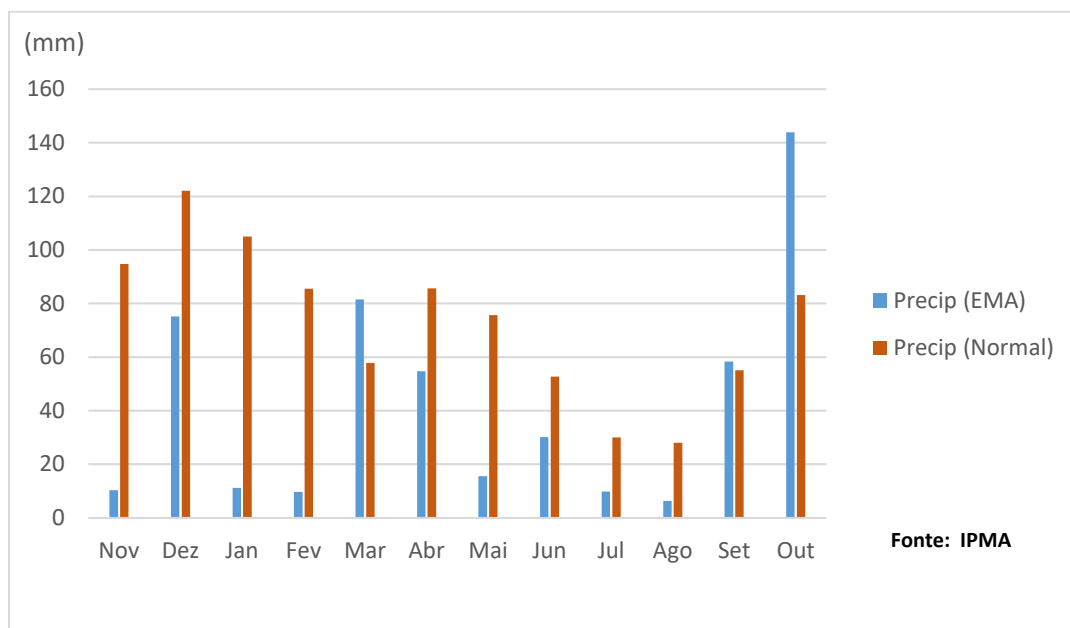


Gráfico 3. Precipitação ocorrida nas EMA do IPMA em 2021 e 2022, na sub-região de TM por comparação com as Normais climatológicas (1971-2000).

Os valores da temperatura, tal como referido acima são bastante superiores aos valores indicados na normal climatológica.

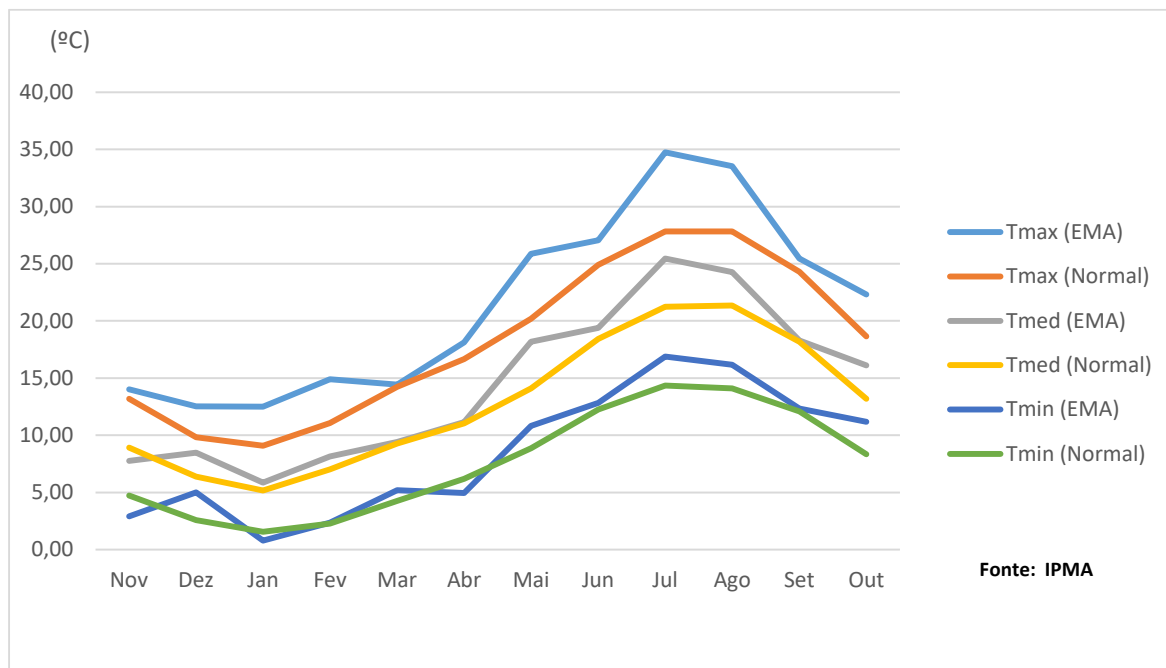


Gráfico 4. Temperaturas ocorridas nas EMA do IPMA em 2021 e 2022, na sub-região de TM por comparação com as Normais climatológicas (1971-2000).

Pese embora tenha ocorrido precipitação em muito superior ao normal para a época, na generalidade, as condições meteorológicas acima referidas permitiram a realização dos diferentes trabalhos agrícolas, nomeadamente os relativos à preparação do novo ano agrícola, a colheita dos frutos secos e das uvas para vinho.



Barragem de Sambade em Alfândega da Fé, na Zona de Observação da Terra Quente.
Fotos por Paulo Guedes

O nível global médio de armazenamento útil dos aproveitamentos hidroagrícolas da região Norte, monitorizados pelos nossos serviços de Ambiente e Infraestruturas, era de 28,7% em 28/10/2022. Salienta-se que, dos 13 aproveitamentos hidroagrícolas monitorizados, 4 estão entre os 50 e 68%, e os restantes 9 abaixo dos 26%, sendo que 5 destes têm níveis de apenas 1/6, ou menos, do nível máximo.



Barragem da Prada em Vinhais, zona de observação da Terra Fria.
Em 22 de outubro de 2021.



Em 20 de outubro de 2022.



Barragem de Lumiares, em Armamar (esq.) e barragem do Vilar (dir.), na zona de observação do Beira Douro e Távora.
Fotos por Rui Lagoa



2 Milho

2.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

O período de colheita dos milhos foi antecipado, envolvendo não apenas os semeados mais prematuramente como também os que foram semeados tardiamente. As condições meteorológicas foram favoráveis para a colheita e secagem do milho até meados do mês. Posteriormente, a precipitação levou à sua interrupção. O elevado teor de humidade nas folhas que envolvem a espiga dificultou a colheita mecânica, chegando a obstruir o mecanismo de desfolha.

Ainda há uma área significativa de milho grão para colher, nas explorações de maior dimensão ou em áreas situadas junto a ribeiras que, entretanto, ficaram encharcadas.



Espigas de milho a secar no espigueiro, na zona de observação do Lima.
Foto por Sandra Coelho

Milho de sequeiro

Estima-se uma quebra de produção de cerca de -15%, por comparação com o ano passado.

Milho de regadio

Espera-se uma quebra da produção de cerca de -10%, relativamente ao ano transato.



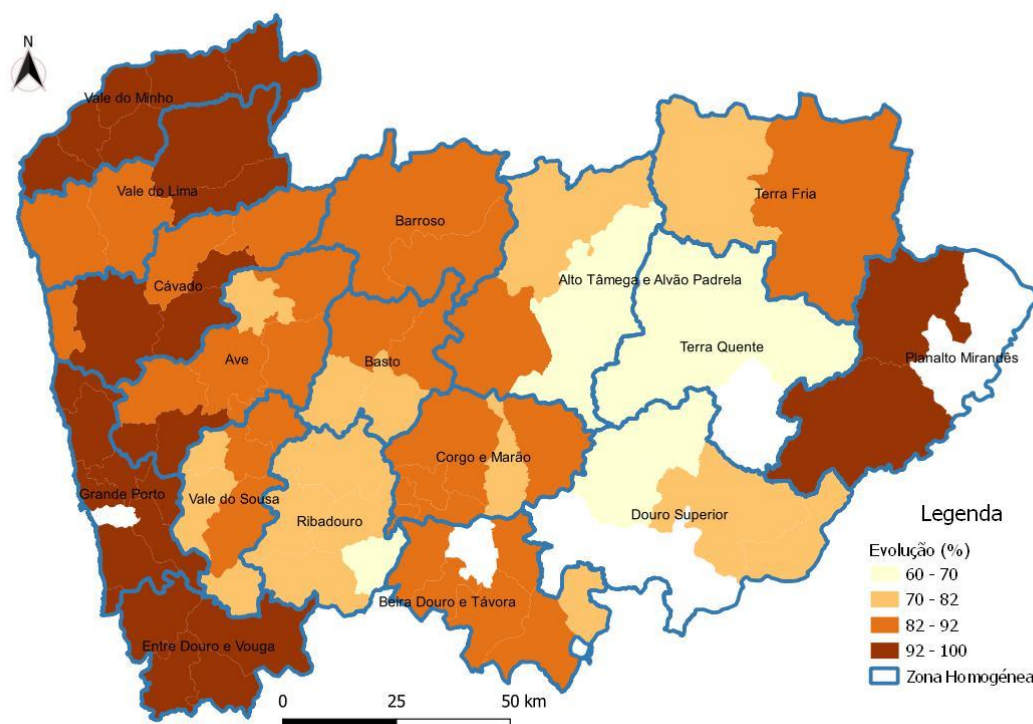
Espiga de milho cultivado em sequeiro. Santa Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga.

Foto por Isabel Correia

2.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

A situação vigente de seca, associada a uma redução explícita dos recursos hídricos disponíveis para a rega, restringiram de forma significativa o desenvolvimento vegetativo da cultura do milho grão em regadio, estimando-se assim, uma quebra da produção global colhida de -17,1% (- 1173 t), em relação ao ano anterior.

No milho de sequeiro, a baixa percentagem de água no solo durante o seu ciclo cultural, condicionou um desenvolvimento vegetativo compatível com uma produção de nível normal, estimando-se um decréscimo da produção global colhida deste cereal de -27,4% (-606 t), relativamente ao ano transato.



Mapa 1. Evolução da produção de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente ao ano anterior.

3 Leguminosas secas

3.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

As colheitas de leguminosas secas – grão-de-bico e feijão - foram concluídas anteriormente, com boas condições para a secagem, debulha e armazenamento dos produtos.

A produção de feijão é realizada em pequenas áreas e com sementes próprias sendo a produção cada vez mais orientada para o consumo do agregado familiar. Apenas o excedente é dirigido para o mercado.

Estima-se uma produção inferior de feijão, comparativamente ao ano anterior, na ordem dos -12%. De referir que o grão é de razoável qualidade.

Em relação ao grão-de-bico, a estimativa é de uma quebra de cerca de -9%, em relação ao ano passado.

3.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

No caso das leguminosas secas a estimativa é de quebras da produção global colhida, quer para o grão-de-bico, quer para o feijão, respetivamente de -6,5% (-7 t) e de -17,7% (-73 t), em relação ao ano anterior. Parte desta redução de produção global está relacionada com a escassez de água para rega em determinadas zonas.

Mais uma vez se refere que, embora existam áreas destas culturas feitas com objetivo comercial, parte muito significativa do que é semeado destina-se ao autoconsumo.

4 Frutos Frescos

4.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

Pomóideas: Maçã e Pera

As pomóideas tiveram florações deficientes, fracos vigamentos, má qualidade dos frutos, calibres médios/pequenos e poucos frutos. Estima-se, por isso, uma quebra de cerca de -27% na produção de maçã e de -21% de produção de pera, comparativamente ao ano transato. Contudo, ainda falta a colheita das variedades mais tardias como a porta da loja.

Prunóideas: Pêssego

As prunóideas mais precoces (pessegueiros, ameixeiras), apresentam fracos vigamentos, frutos de calibres médios/pequenos, bichados, estimando-se uma produção inferior em cerca de -13%, por comparação com o ano passado.

As elevadas temperaturas e a ausência de chuva provocaram um ataque da mosca da fruta que prejudicou a colheita, assim como o armazenamento e conservação.

Kiwi

Os pomares de kiwi estão na fase M - frutos em crescimento.

A precipitação de setembro foi fundamental para a recuperação dos pomares do eventual stress hídrico, traduzindo-se no aumento do calibre dos frutos.

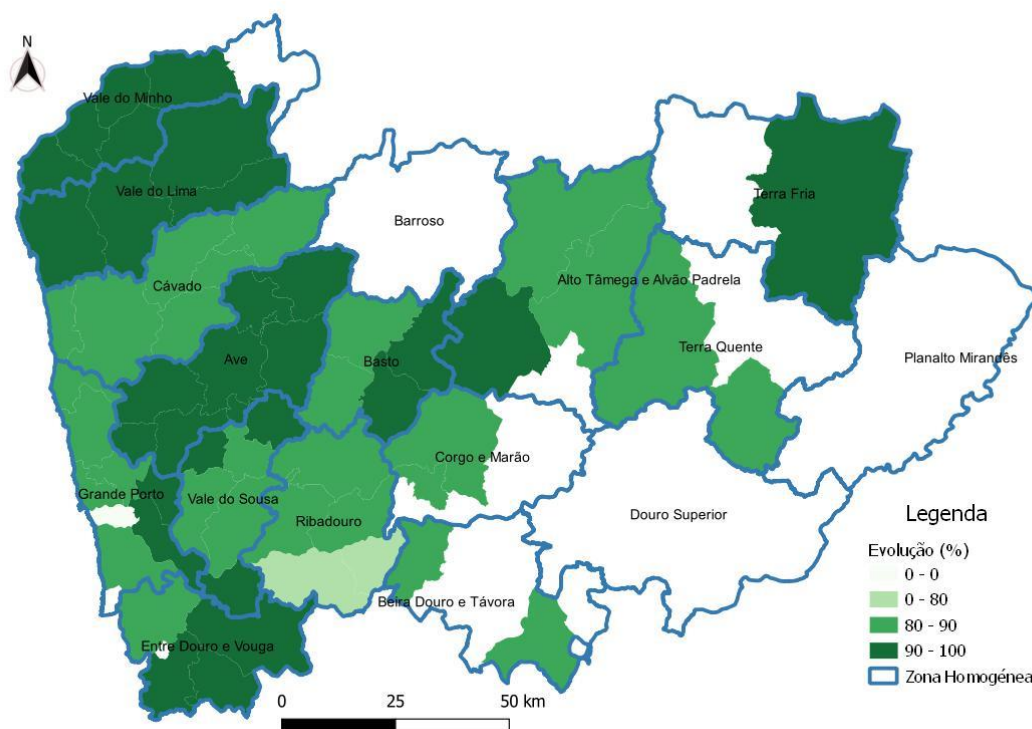
A colheita do kiwi amarelo – cultura com pouca expressão na nossa região - está terminada. A colheita da variedade *Hayward* ainda não arrancou, prevendo-se que se inicie na segunda semana de novembro, prolongando-se por todo o mês.

Há produtores que têm produtividades constantes ao longo dos anos, visto que recorrem a substâncias que provocam a quebra de dormência, pólen artificial, controlo muito rigoroso das dotações de rega, entre outras práticas culturais. Estima-se uma quebra de produção de -7% por, comparação com o ano passado.



Pomar de kiwi com frutos bem desenvolvidos na zona de observação do Minho.

Foto por Aurora Alves



Mapa 2. Evolução da produção global do kiwi por concelho (%), relativamente ao ano anterior.

4.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Pomóideas: Maçã e Pera

Em termos de balanço, nas pomóideas as estimativas apontam para reduções na produção global colhida destas culturas de -22,2% (-39286 t) na maçã e de -15,2% (-726 t), no caso da pera, relativamente ao ano anterior. Estas quebras de produção elevadas estão associadas à situação de seca que vigorou em quase todo o ciclo cultural. A consequente redução da disponibilidade de água para rega provocou uma maior taxa de frutos sem as condições exigíveis pelo mercado (de calibre e de coloração do fruto), e de frutos caídos



Maçã para indústria com uma percentagem elevada de frutos de calibres baixos, fora dos parâmetros de comercialização. Zona de observação da Beira Douro e Távora.

Foto por Rui Lagoa

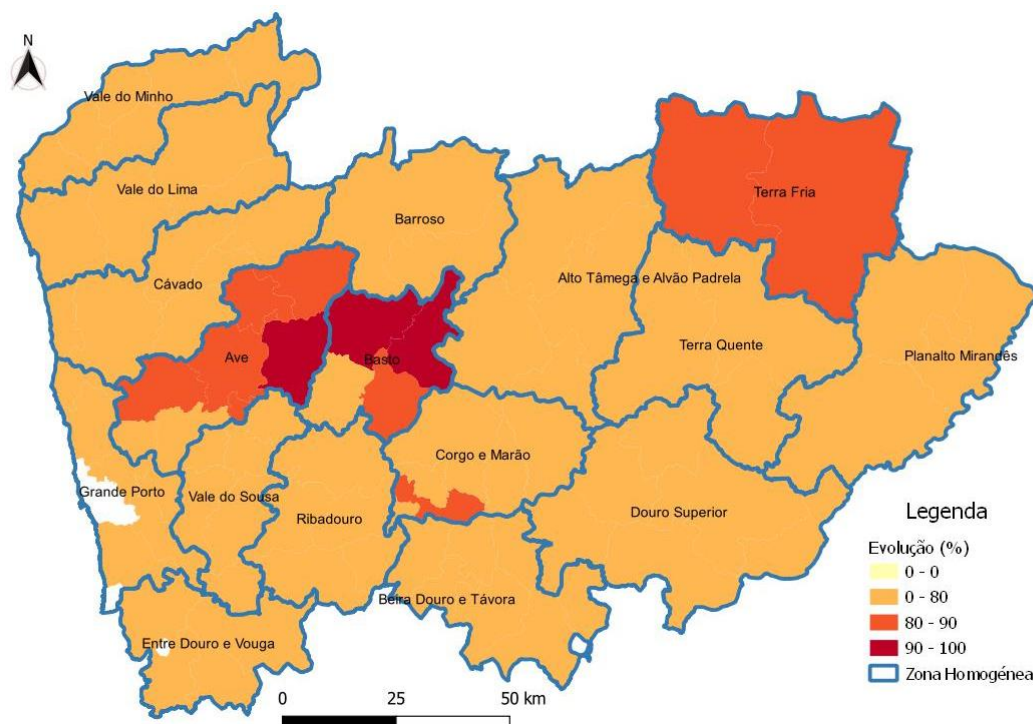
prematuramente, o que agravou a diminuição da produção pelo maior desvio da produção para a indústria.

Prunóideas: Pêssego

Em termos de toda a linha da fileira do pessegueiro, a estimativa da produção global colhida é de uma quebra de -32,0% (-742 t), comparativamente ao ano anterior. Se por um lado, nos pomares novos, com tecnologia de ponta na produção, a quebra com origem na seca foi menos expressiva ou praticamente inexistente comparativamente aos pomares tradicionais, em muitos destes, por se encontrarem implantados no Vale da Vilariça, as geadas tardias de abril foram as maiores responsáveis pela quebra acentuada. Assim, com origens diferentes, a redução tanto afetou pomares tradicionais, devido à seca prolongada, como os novos, em resultado das geadas tardias.

Kiwi

Na cultura do kiwi, com insignificante representatividade nesta sub-região, a estimativa de produção global colhida é de um decréscimo de -8,9% (-2 t), relativamente ao ano transato.



Mapa 3. Evolução da produção global da maçã por concelho (%), relativamente ao ano anterior.

5 Frutos Secos

5.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

Avelã, Noz e Amêndoa

Quanto às nogueiras, apesar do desenvolvimento vegetativo, apresentam alguns frutos secos, pretos e com bolor. A chuva dificultou a colheita e alguns produtores queixam-se que a casca verde das nozes está agarrada. A estimativa é de uma quebra de produção de -9%, por comparação com o ano passado.

Para a amêndoa, estima-se uma descida na produção de -36%, comparativamente ao ano transato.

Castanha

Houve alguma produção nas variedades temporãs, mas as variedades tardias foram pouco produtivas. Em situações normais, um ouriço devia produzir 2 a 3 castanhas, mas o que atualmente se verifica é que produz



Aspeto de ouriço com uma castanha viável em Santa Maria da Feira, zona de observação Entre Douro e Vouga. Foto por Isabel Correia

apenas uma (de calibre razoável) e as restantes secas. Na castanha temporã a quebra foi muito significativa, em consequência do tempo quente e seco, que provocou o aparecimento de uma podridão e originou a perda total da produção em alguns sotos. A colheita foi dificultada pela chuva, sendo imprescindível a ocorrência de dias de sol e calor para abrir os ouriços. A castanha de variedades regionais - a amarela, por exemplo - não tem sabor e tem pouco poder de conservação.

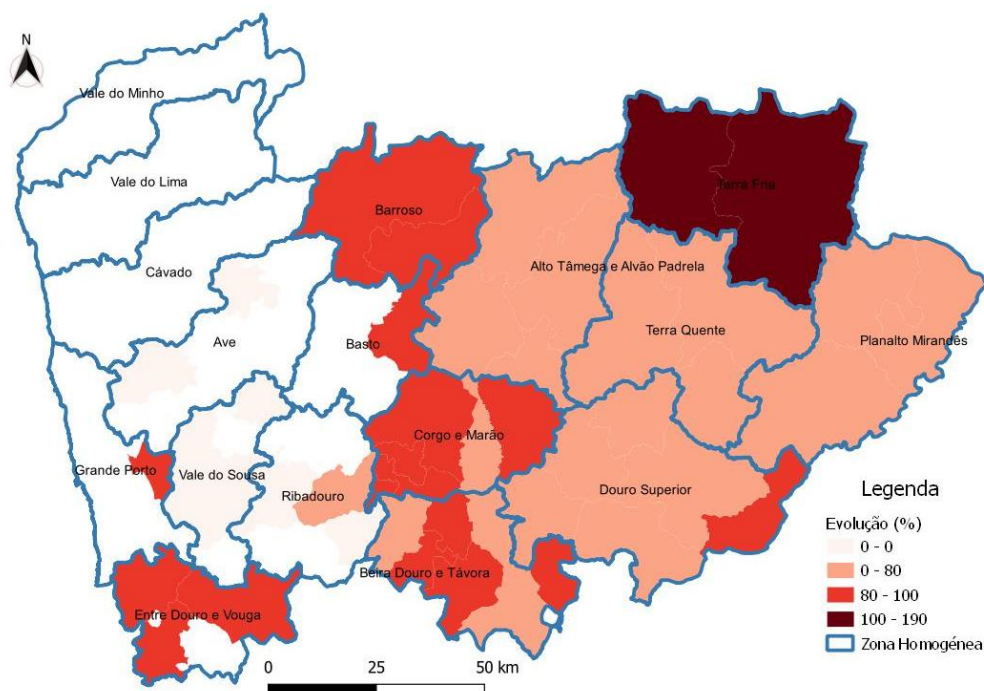
A estimativa é de uma expressiva quebra de produção, cerca de -51%, comparativamente ao ano passado.

5.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Amêndoa

A colheita desta cultura está concluída, seguindo-se o descasque, secagem e armazenamento do fruto. A precipitação ocorrida, embora já tardia para a atual campanha, ainda irá beneficiar a cultura na absorção de nutrientes indispensáveis à reposição das reservas de energia para o seu desenvolvimento no novo ciclo vegetativo. A estimativa final agravou um pouco o panorama, pelo que a estimativa aponta para um decréscimo significativo na produção global colhida, em cerca de -22,0% (-3730 t), relativamente ao ano anterior.

Contudo, nota-se uma boa adaptação da cultura a altitudes superiores ao limite espectável, facto a que não será alheio o aquecimento global. Tal como já referido, estudos de zonagem edafo-climática em Trás-os-Montes como base para a mitigação e adaptação às alterações climáticas deveriam ser incentivados.



Mapa 4. Evolução da produção de amêndoa, comparativamente ao ano anterior – por concelho (%).

Castanha

A ocorrência de precipitação significativa na segunda quinzena do mês contribuiu para o atenuar do stress hídrico e para o desenvolvimento vegetativo dos ouriços e assim proporcionar uma melhoria no calibre do fruto. Contudo, para a maioria dos soutos, já vem tarde, pelo que esta primeira estimativa de produção global colhida é muito pouco animadora. Estando-se ainda na fase inicial de queda de frutos, neste momento, comparativamente ao ano anterior, a estimativa é de uma diminuição -26,8% (-7518 t).

Sendo uma cultura feita essencialmente na condição de sequeiro, em consequência da situação de seca, perspectiva-se uma mortalidade de plantas acima do normal, condicionando o desenvolvimento das novas plantações.



Castanheiros em Moredó, Bragança, zona de observação da Terra Fria.
Fotos por Anabela Coimbra



Castanheiros zona de observação do Beira Douro e Távora.
Fotos por Rui Lagoa

No entanto, não podemos deixar de referir a preocupação, que se mantém, relativamente à propagação de certa forma exponencial da vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus* Yasumatsu). Nas árvores atacadas é bem visível a sua debilidade, sendo a floração e a respetiva frutificação, bastante reduzidas. A luta biológica tem mostrado ser eficiente no controlo desta praga. No entanto, o seu efeito só é visível ao fim de meia dúzia de anos, pelo que não devem ser descuradas as largadas continuadas do

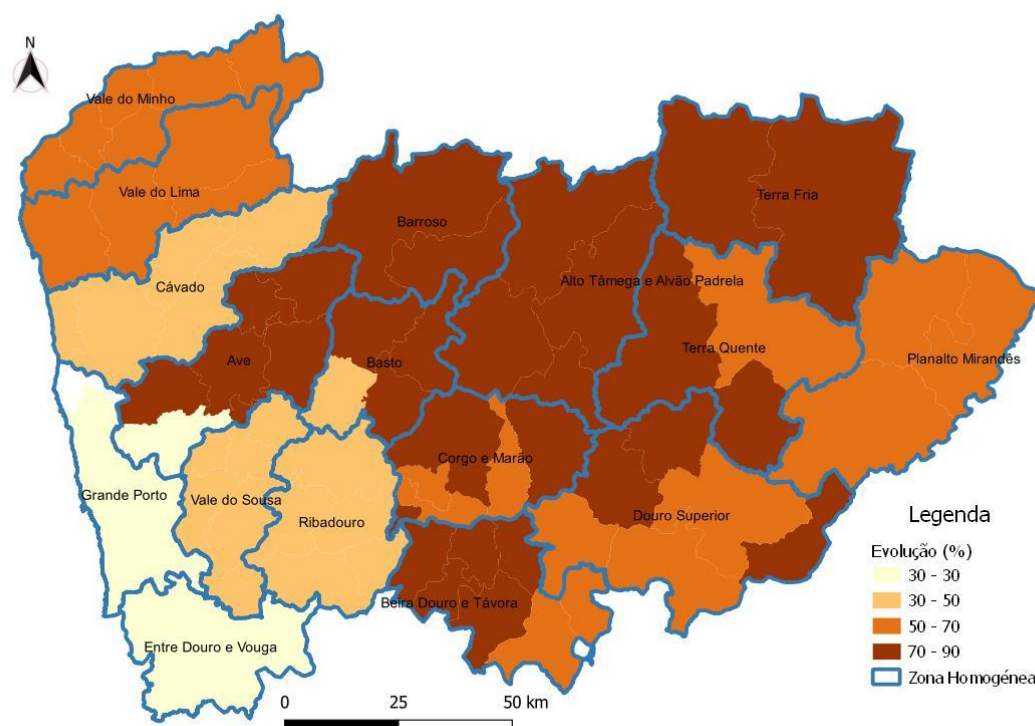
inseto parasitoide *Torymus sinensis* apesar de, para já, o seu efeito ainda ser modesto.

Avelã e Noz

Os frutos são de calibres inferiores, mas em boas condições fitossanitárias (ataques de bacteriose e/ou de bichado sem relevância), pelo que a estimativa de produção global colhida, para ambos os casos, é de uma quebra de -17,5% (-16 t) no caso da avelã e de -19,9% (-193 kg/ha), no caso da noz, em relação ao valor do ano transato. Contudo, o excesso de calor e o baixo teor de humidade no solo poderão ter afetado a cor do miolo da noz traduzindo-se assim num fator depreciativo em termos comerciais.



Nogueiras (esq.) e noz em secador (dir.), em Quintela, no concelho de Vinhais, na zona de observação da Terra Fria.
Fotos por Anabela Coimbra



Mapa 5. Evolução da produção global da castanha por concelho (%), relativamente ao ano anterior

6 Vinha

6.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

Uva de Mesa

A estimativa é de uma quebra de -8%, por comparação com o ano precedente.

Uva para Vinho

Não houve problemas no funcionamento das adegas e na laboração do vinho. Em diversas adegas o vinho ainda está a aguardar a trasfega.

Com as vindimas concluídas, confirma-se o aumento da produção em cerca de +3%, por comparação com o ano passado. No geral, as castas de vinho branco tiveram um aumento enquanto as tintas uma diminuição. A qualidade é boa, com graduações superiores às do ano passado.

As perspetivas de comercialização são boas para as adegas e grandes produtores. Mas os pequenos produtores engarrafadores encontram-se em dificuldade para escoar a produção que têm em armazém do ano anterior.

Na região do Alvarinho, os dados finais da vindima confirmam as estimativas anteriores, que apontavam para uma quebra de produção de cerca de -9%, quando comparado com o ano passado. Refira-se que nas castas tintas se verificou uma quebra mais acentuada, da ordem dos -20%. Contudo, a qualidade da uva produzida foi muito boa, com níveis de acidez bastante baixos e graduações médias, próximas dos 13 graus no Alvarinho e superiores aos 11 graus na Trajadura e nos tintos.

6.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

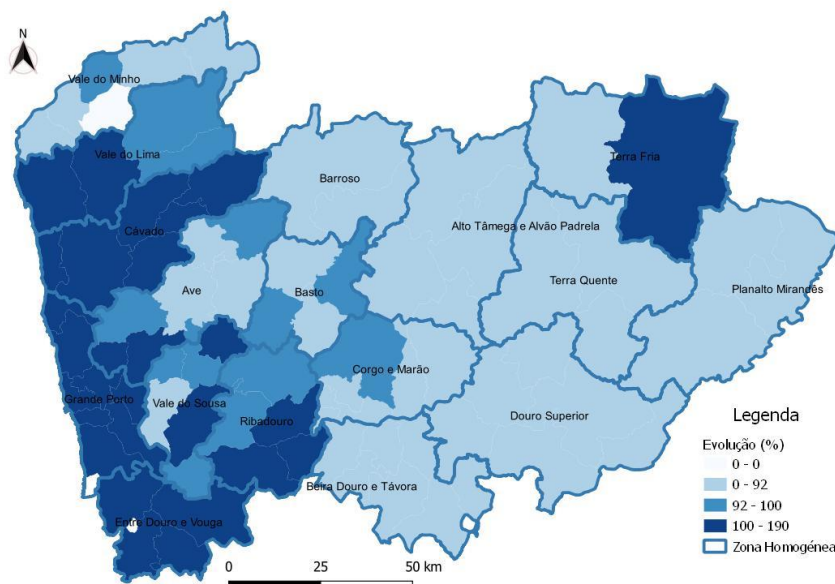
Apesar de certas vicissitudes ao longo do seu ciclo vegetativo resultantes do prolongamento da seca, a cultura da vinha beneficiou um pouco da precipitação ocorrida em setembro e as vindimas mais tardias também da ocorrida já neste mês. Assim, verifica-se um certo desagravamento da estimativa inicial de quebra da produção global para ambas as culturas, uva de mesa e uva para vinho, devido à ocorrência de alguma precipitação. Por outro lado, as boas condições fitossanitárias foram um garante de uma qualidade acima da média em muita da produção obtida.



Vindima de castas tintas na zona de observação do Beira Douro e Távora.

Foto por Rui Lagoa

Assim, comparativamente ao ano anterior, a estimativa da produção global colhida é de uma quebra para a uva de mesa de -19,6% (-55 t) e para a uva para vinho, de -17,2% (-274 219 hl de mosto).



Mapa 6. Evolução da produção de “**Mosto**” na vinha para vinho, comparativamente ao ano anterior – por concelho (%).

7 Olival

7.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

No olival para azeite persiste a queda do fruto provocada pela chuva e vento forte. O fruto já cai seco. Apesar da maior parte da azeitona caída não estar ainda madura (cerca de 70%), vai ser apanhada, visto que a produção é escassa.

Nalguns pomares, foram feitos os tratamentos para prevenir o ataque da mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*). Na zona de observação do Cávado, os lagares já foram contactados por alguns pequenos produtores (20 kg a 70 kg de produção). Sucede, porém que a produção não é suficiente para justificar a abertura dos lagares da região com vista à laboração da azeitona para azeite. Os dois lagares da



Oliveira com alguma azeitona vingada e já madura, na zona de observação do Minho.

Foto por Aurora Alves

zona de observação do Lima - onde é laborada a maior parte a azeitona - provavelmente não vão abrir, desincentivando a colheita da azeitona.

A estimativa é de uma acentuada redução da produção, cerca de -85%, comparativamente ao ano passado. No que diz respeito à azeitona de mesa, perspectiva-se uma descida da produção, cerca de -40%, em comparação com o ano transato.

7.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Azeitona de mesa

Mesmo atendendo à particularidade de que uma grande parte da área desta cultura ser feita em regadio e dadas as condições de seca vigente e a redução dos recursos hídricos disponíveis, a previsão é de uma quebra de -35,6 % (-731 kg/ha), relativamente ao ano anterior. O agravamento da previsão advém do facto de na zona de observação do Planalto Mirandês, mais concretamente no concelho de Mogadouro, o segundo em termos de representatividade de área da cultura na sub-região, pese embora a existência de produção, os frutos são de calibre muito miúdo, não apresentando condições para ser comercializados como azeitona de mesa. Parte desta produção, se não cair até à colheita da azeitona para azeite, será redirecionada para a produção de azeite.

Azeitona para azeite

Sendo uma cultura desenvolvida predominantemente em condição de sequeiro, pese embora tenha um elevado grau de rusticidade e de adaptação ao meio em que está

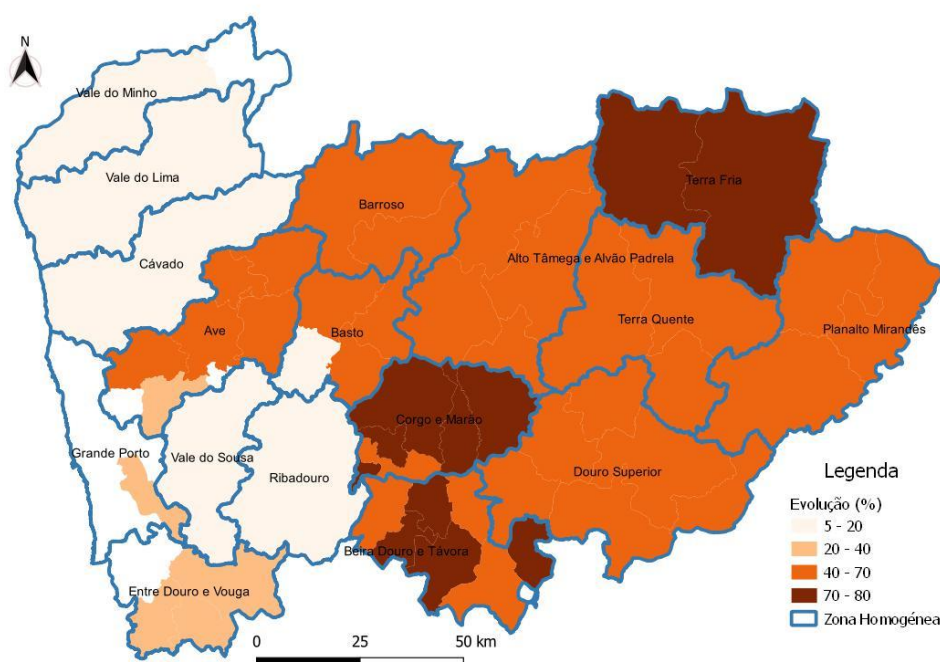


Olival em sequeiro. Bragança, na zona de observação da Terra Fria.
Foto por Anabela Coimbra

inserida, a seca teve uma grande influência no seu desenvolvimento vegetativo até este momento, resultando numa queda prematura dos frutos vingados e de parte da sua folhagem. Esta situação foi de certa forma atenuada com a precipitação ocorrida na segunda quinzena deste mês. Contudo será de referir que por vezes no mesmo concelho ou até mesmo na mesma freguesia, temos situações díspares de olivais com boas perspectivas de produção e outros em

que partilhamente não existe produção.

A previsão de produtividade, comparativamente ao ano transato, é de uma quebra de -31,1% (-446 kg/ha).



Mapa 7. Evolução da produtividade da azeitona para azeite por concelho (%), relativamente ao ano anterior

8 Prados, pastagens e culturas forrageiras

8.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

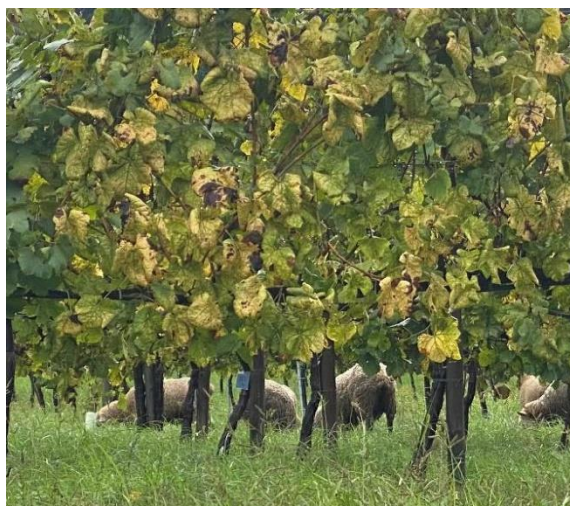
As pastagens, quer de regadio, quer de sequeiro, estão verdes, com bons crescimentos graças à precipitação e às temperaturas amenas. O mesmo acontece nos baldios, com as espécies espontâneas.

Onde não houve restrições de água e nas terras férteis com lençol freático elevado, a produção de milho forragem foi idêntica à do ano passado. Contudo, para a sub-região do EDM estima-se uma quebra de cerca de -9% na produção do milho forragem, por comparação com o ano passado.

A cultura desenvolvida em sequeiro sofreu maiores quebras de produção, com campos completamente secos e espiga pequena. Vastas áreas sofreram quebras avultadas por causa do alfinete (várias espécies de Agriotes). Os ataques dos javalis também contribuíram para a esta situação.



Gado bovino em pastoreio na zona de observação
do Vale do Minho.
Foto por Aurora Alves



Ovinos pastando em vinha (com as uvas vindimadas).
Foto por Sandra Coelho

O contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias mantém-se inalterável. Subsiste a referência a alguns problemas causados nos animais devido à falta de qualidade da ração (atribuída ao facto dos cereais terem permanecido muito tempo nos barcos).



Cultura de azevém na zona de observação do Minho.
Foto por Aurora Alves

8.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Relativamente ao ano anterior, estimam-se produções colhidas de alimentos grosseiros, nomeadamente fenos e silagens, inferiores em cerca de -20 a -25 %, valor também verificado nas culturas forrageiras de Primavera/Verão.

Quanto às condições de pastoreio e, após a pluviosidade ocorrida na última quinzena do mês, já é visível a recuperação do manto verde das áreas de pastagens permanentes. Ressalvam-se os casos particulares de prados junto a linhas de água e em terrenos de aluvião onde esta recuperação é muito mais evidenciada.

A administração de rações industriais é efetuada num contexto de complementaridade e em situações específicas de alimentação base, embora no decurso deste ano o consumo de alimentos conservados tenha sido superior por unidade de encabeçamento.



Pastagem permanente em terrenos mais elevados (esq.) e pastagem permanente em terreno de aluvião junto a linha de água (dir.), em Bragança na zona de observação da Terra Fria.
Fotos por Anabela Coimbra

9 Fitossanidade

9.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

Realizaram-se os tratamentos contra a mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*).

A praga "galha do castanheiro" (*Dryocosmus kuriphilus*), continua a afetar os castanheiros na região. Há registos de ataques de alfinete (várias espécies de Agriotes) que afetaram a produção de milho silagem.

Nesta época iniciam-se os tratamentos de inverno à base de cobre em culturas permanentes como as pomóideas ou citrinos.



Laranjeira com fruta rachada e mosca branca na folha, na zona de observação do Minho.
Foto por Aurora Alves



Maçã e castanha com visíveis problemas fitossanitários, zona de observação do Lima.
Fotos por Sandra Coelho

As chuvas, que são benéficas para a generalidade das culturas, têm um efeito nocivo na produção de citrinos, principalmente nos laranjais onde os tratamentos contra o míldio não são realizados.

Regista-se o problema do rachamento de frutos nas laranjeiras, originado pelo seu rápido crescimento, após longo período com escassez de água. Este fenómeno tem originado a queda de muitos frutos.

A estação de avisos do Entre Douro e Minho emitiu a [circular nº 14](#) no dia 18 de outubro de 2022 onde são apresentados os sintomas da síndrome da Esca (*Phaemoniella chlamydospora*, *Phaeoacremonium* spp., *Fomitiporia mediterranea*, etc.) e são apresentados os cuidados a ter com a cochonilha–algodão *Pseudococcus* (= *Planococcus*) *citri*, no que à cultura da vinha diz respeito.

Sobre a bacteriose da actínídea- PSA (*Pseudomonas syringae* pv. *actinidae*) são elencados os cuidados a ter para evitar a disseminação da doença na altura da colheita dos frutos. É feito o ponto da situação relativamente aos tratamentos a realizar para as doenças dos citrinos, nomeadamente contra o míldio ou aguado (*Phytophthora hibernalis*; *Phytophthora* spp.), a mosca do mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) e mosca branca (*Aleurothrixus floccosus*). São também abordadas as principais pragas e doenças da macieira, diospireiro, oliveira, batateira e plantas ornamentais.

9.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Durante este mês não foram emitidas circulares por qualquer das estações de avisos nesta sub-região.

10 Preparativos para o novo ano agrícola

10.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

Já se iniciaram as sementeiras das forragens.

As preparações do solo e sementeiras realizadas até meados do mês decorreram muito bem pois o solo tinha alguma humidade. As elevadas temperaturas e períodos de sol forte que se seguiram favoreceram a rápida germinação e instalação das culturas. Entretanto, a terra já estava a ficar seca novamente, pelo que o segundo período de precipitação foi fundamental.



Preparação e sementeira, germinação, desenvolvimento vegetativo das ferrãs em Braga, na zona de observação do Cávado.
Fotos por Maria Laura



Preparativos para a sementeira de forragem de inverno na zona de observação do Minho.
Fotos por Aurora Alves



Área de azevém forrageiro recém-semeada, na zona de observação do Minho.

Prevê-se uma diminuição das áreas de forragens e cereais de Inverno, em consequência do desalento dos agricultores face ao aumento vertiginoso dos custos de produção.



Sementeira de ferrãs, zona de observação do Lima.
Foto por Sandra Coelho

10.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Relativamente às tarefas inerentes aos preparativos do novo ano agrícola, em termos de oportunidade de realização, o estado do tempo verificado, na globalidade, não tem interferido com a sua realização. Assim, constatou-se a preparação de solos e realização de sementeiras sem grande sobressaltos, com uma esperança acrescida por parte dos produtores por um ano agrícola de 2022/2023 muito melhor que o que agora finda.

Anexo - Valores das estimativas das áreas semeadas, produtividades e produções

Quadro 1. Evolução da produção do milho grão em sequeiro e do milho em regadio, comparativamente ao ano anterior

Localização	Milho em sequeiro		Milho em regadio	
	Produção		Produção	
	(%)	(t)	(%)	(t)
Entre Douro e Minho	85	4 629	90	84 872
Ave	89	451	88	13 107
Basto	83	100	84	5 384
Cávado	93	1 764	94	24 332
Entre Douro e Vouga	70	451	95	6 773
Grande Porto	70	501	95	7 320
Ribadouro	76	71	79	6 452
Vale do Lima	88	1 009	92	5 780
Vale do Minho	93	181	96	2 981
Vale do Sousa	69	101	87	12 743
Trás-os-Montes	73	1 603	83	5 682
A. Tâmega e Alvão P.	59	226	80	2 825
Barroso	70	510	85	1 573
Beira Douro e Távora	78	35	88	352
Corgo e Marão	80	44	90	660
Douro Superior	71	49	65	60
Planalto Mirandês	100	336	100	50
Terra Fria	71	360	85	138
Terra Quente	50	44	67	24
Região Norte	81	6 232	90	90 554

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Quadro 2. Evolução da produção do feijão e do grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão de bico	
	(%)	(t)	(%)	(t)
Entre Douro e Minho	88	236	91	0
Ave	89	37	95	0
Basto	90	14	0	0
Cávado	98	58	0	0
Entre Douro e Vouga	80	27	80	0
Grande Porto	80	16	0	0
Ribadouro	84	19	0	0
Vale do Lima	86	31	97	0
Vale do Minho	85	8	0	0
Vale do Sousa	83	26	0	0
Trás-os-Montes	82	340	94	97
A. Tâmega e Alvão P.	71	33	84	2
Barroso	90	1	0	0
Beira Douro e Távora	87	13	83	4
Corgo e Marão	90	26	90	1
Douro Superior	80	91	83	17
Planalto Mirandês	100	108	100	66
Terra Fria	80	9	80	4
Terra Quente	66	59	73	3
Região Norte	84	576	94	97

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Quadro 3. Evolução da produção da maçã, pera, pêsego e kiwi, relativamente ao ano anterior

Localização	Maçã		Pera		Pêssego		Kiwi	
	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)
Entre Douro e Minho	73	2 638	79	574	87	232	93	42 297
Ave	87	244	87	57	83	18	96	5 520
Basto	87	22	92	4	83	2	90	1 067
Cávado	70	983	70	116	94	63	90	7 182
Entre Douro e Vouga	70	119	80	58	80	18	94	2 193
Grande Porto	70	261	80	73	80	23	93	9 392
Ribadouro	74	354	84	129	81	25	89	2 764
Vale do Lima	76	399	80	73	90	61	95	1 022
Vale do Minho	80	90	81	27	90	11	95	1 756
Vale do Sousa	70	167	76	37	74	12	93	11 400
Trás-os-Montes	78	137 987	85	4 060	68	1 577	91	16
A. Tâmega e Alvão P.	70	1 849	71	234	70	172	90	3
Barroso	75	44	75	16	0	0		
Beira Douro e Távora	80	116 469	89	2 949	88	142	90	2
Corgo e Marão	80	2 926	83	148	84	45	90	1
Douro Superior	63	13 300	72	346	67	715	0	0
Planalto Mirandês	80	1 394	80	95	80	20	0	0
Terra Fria	85	1 267	85	128	82	13	100	2
Terra Quente	70	737	70	143	63	469	90	8
Região Norte	78	140 625	84	4 634	70	1 810	93	42 313

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Quadro 4. Evolução da produção da amêndoa, avelã, castanha e noz, relativamente ao ano anterior

Localização	Amêndoa		Avelã		Castanha		Noz	
	Produtividade						Produção	
	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)
Entre Douro e Minho	64	2	47	3	49	374	91	244
Ave	0	0	53	2	76	13	93	57
Basto	0	0	90	0	59	4	83	7
Cávado	0	0	94	0	40	67	100	46
Entre Douro e Vouga	0	0	50	0	30	23	110	21
Grande Porto	0	0	0	0	30	5	110	14
Ribadouro	64	2	0	0	43	77	81	61
Vale do Lima	0	0	87	0	63	139	90	15
Vale do Minho	0	0	0	0	70	39	70	1
Vale do Sousa	0	0	0	0	43	7	82	22
Trás-os-Montes	78	13 226	83	76	73	20 543	80	778
A. Tâmega e Alvão P.	70	1 209	82	19	77	3 206	85	141
Barroso	0	0	0	0	80	214	90	3
Beira Douro e Távora	89	100	90	24	73	3 272	86	37
Corgo e Marão	90	155	83	2	77	423	90	22
Douro Superior	81	7 791	79	4	73	513	86	66
Planalto Mirandês	69	1 702	60	4	60	1 614	61	50
Terra Fria	190	223	82	17	75	9 662	78	330
Terra Quente	73	2 047	81	7	72	1 639	85	129
Região Norte	78	13 228	81	78	73	20 917	82	1 022

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Quadro 5. Evolução da produção da uva de mesa e da uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva de mesa		Mosto	
	(%)	(t)	(%)	(hl)
Entre Douro e Minho	92	74	103	920 977
Ave	92	2	95	84 967
Basto	0	0	98	99 303
Cávado	100	5	110	62 810
Entre Douro e Vouga	0	0	110	5 285
Grande Porto	0	0	115	35 298
Ribadouro	94	64	101	114 786
Vale do Lima	100	1	108	86 813
Vale do Minho	0	0	91	100 341
Vale do Sousa	90	1	109	331 374
Trás-os-Montes	80	224	83	1 324 461
A. Tâmega e Alvão P.	71	28	71	53 735
Barroso	0	0	81	47
Beira Douro e Távora	89	53	88	321 075
Corgo e Marão	92	39	90	565 144
Douro Superior	75	38	71	325 088
Planalto Mirandês	80	43	80	40 330
Terra Fria	90	6	71	11 130
Terra Quente	63	16	70	7 912
Região Norte	83	298	90	2 245 438

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Quadro 6. Evolução da produtividade da azeitona de mesa e para azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona de mesa		Azeitona para azeite	
	(%)	(kg/ha)	(%)	(kg/ha)
Entre Douro e Minho	60	239	15	619
Ave	0	0	60	861
Basto	60	2 148	34	431
Cávado	0	0	20	1 531
Entre Douro e Vouga	0	0	40	560
Grande Porto	0	0	40	397
Ribadouro	0	0	16	548
Vale do Lima	0	0	6	561
Vale do Minho	90	90	20	3 111
Vale do Sousa	0	0	10	68
Trás-os-Montes	64	1 323	69	988
A. Tâmega e Alvão P.	73	468	69	1 235
Barroso	0	0	70	652
Beira Douro e Távora	70	71	74	1 402
Corgo e Marão	80	422	78	2 048
Douro Superior	70	1 712	69	956
Planalto Mirandês	30	351	60	622
Terra Fria	80	109	80	937
Terra Quente	70	617	67	916
Região Norte	64	1 320	67	984

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.